

VIRGINIA WOOLF

Orlando
uma biografia

Tradução de
JORIO DAUSTER

Introdução e notas de
SANDRA M. GILBERT

Artigo de
PAULO MENDES CAMPOS



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução e das notas © 1993 by Sandra M. Gilbert
Copyright do artigo © 2014 by Joan A. Mendes Campos

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Orlando: A Biography

PREPARAÇÃO
Cacilda Guerra

REVISÃO
Huendel Viana
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Woolf, Virginia, 1882-1941.

Orlando: uma biografia / Virginia Woolf ; tradução de Jo-
rio Dauster; introdução e notas de Sandra M. Gilbert. — 1ª ed.
— São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

Bibliografia

ISBN 978-85-63560-84-1

1. Romance inglês I. Gilbert, Sandra M. II. Título.

13-13465

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500 Fax: (11) 3707 3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Sandra M. Gilbert 7

ORLANDO

Prefácio da autora 45

Capítulo 1 47

Capítulo 2 87

Capítulo 3 128

Capítulo 4 153

Capítulo 5 208

Capítulo 6 235

Artigo, Paulo Mendes Campos 287

Notas 298

Leituras adicionais 335

Ele — pois não poderia haver dúvida quanto ao seu sexo, embora a moda da época contribuísse para disfarçá-lo — estava golpeando a cabeça de um mouro⁴⁹ pendurada nas vigas do teto. Era da cor de uma velha bola de futebol e mais ou menos de igual formato, exceto pela face encovada e alguns fios de cabelo crespos e secos, como os pelos de um coco. O pai de Orlando, ou talvez seu avô, tinha cortado do tronco de um avantajado pagão que saltara diante dele numa noite de luar nas terras bárbaras da África, e agora balançava de leve, sem cessar, na brisa que nunca parava de soprar nos cômodos do sótão da gigantesca casa do senhor que o matara.

Os antepassados de Orlando haviam cavalgado nos campos de abróteas,⁵⁰ em campos coalhados de pedras e em campos banhados por estranhos rios, tendo decepado muitas cabeças multicores de muitos ombros e as trazido para pendurá-las nas vigas. Assim faria também Orlando, ele jurava. Mas, como só tinha dezesseis anos e era moço demais para acompanhá-los nas incursões à África ou à França, saía às ocultas de perto de sua mãe e dos pavões no jardim escapando para seu quarto no sótão, onde dava estocadas e cortava o ar com golpes de espada a torto e a direito. Às vezes cindia a corda e a cabeça tombava no chão, obrigando-o a prendê-la de novo com tal cavalheirismo que seu inimigo lhe sorria triunfalmente com os lábios murchos

e enegrecidos. O crânio oscilava porque a casa, no alto da qual ele vivia, era tão vasta que parecia aprisionar o próprio vento, soprando para um lado e para o outro no verão e no inverno. A tapeçaria verde com as figuras dos caçadores estava sempre em movimento. Seus antepassados eram nobres desde tempos imemoriais. Surgiram das brumas do norte com pequenas coroas nas cabeças.⁵¹ Os raios de sol, varando o imenso brasão formado pelos vitrais da janela, criavam faixas de sombra no quarto e manchas amarelas que tornavam o chão quadriculado. Orlando estava agora de pé no meio do corpo amarelo de um leopardo heráldico.⁵² Ao abrir a janela, sua mão, pousada no peitoril, se coloriu instantaneamente de vermelho, azul e amarelo, como uma asa de borboleta. Assim, aqueles que gostam de símbolos e têm uma queda para decifrá-los podem observar que, embora as pernas bem-feitas, o corpo elegante⁵³ e os ombros fortes estivessem todos decorados com tons variados da luz heráldica, o rosto de Orlando, ao abrir de par em par a janela, era iluminado apenas pelo sol. Impossível encontrar um rosto mais cândido e taciturno. Feliz a mãe que gerou tal ser, mais feliz ainda a biógrafa que registra sua vida! Ela nunca se aborrecerá ou ele invocará a ajuda de alguma romancista ou poeta. De feito em feito, de glória em glória, de cargo em cargo ele irá, com um escriba o seguindo, até galgarem uma posição tão elevada quanto desejem. Orlando, bastava vê-lo, estava fadado a ter uma carreira assim. O vermelho de suas bochechas era recoberto por uma penugem de pêssogo, pouco mais rala que o buço. Os lábios eram finos e ligeiramente repuxados sobre os dentes de uma brancura extraordinária, qual amêndoas. Nada perturbava o voo curto e preciso do nariz reto como uma flecha; os cabelos eram pretos, as orelhas pequenas e bem rentes à cabeça. Mas, infelizmente, não se pode encerrar esse rol de beleza juvenil sem mencionar a testa e os olhos. Pena que raramente alguém nasça sem todos os três, pois, pousando a vista em Orlando de pé junto à janela,

seria forçoso admitir de pronto que seus olhos pareciam violetas encharcadas, tão grandes que a água dava a impressão de ter chegado até a borda e os alargado; e a testa lembrava a protuberância de uma abóbada de mármore impressada entre os dois medalhões em branco que eram suas têmporas. Tão logo vemos os olhos e a testa, cantamos suas loas. Tão logo vemos os olhos e a testa, precisamos admitir mil coisas desagradáveis que todo bom biógrafo busca ignorar. Certas visões o perturbavam, como a de sua mãe, uma bela senhora vestida de verde que vai alimentar os pavões com a criada Twitchett caminhando atrás dela; outras visões o exaltavam — os pássaros e as árvores — ou o faziam se apaixonar pela morte — o céu ao anoitecer, as gralhas que voltam a casa; e assim, subindo a escada caracol para chegar a seu cérebro — que era bem espaçoso —, todas essas visões, como também os sons do jardim, o bater do martelo, a madeira sendo cortada, provocavam a turbulência e confusão de paixões e emoções que todo bom biógrafo detesta. Mas continuemos: Orlando afastou a cabeça da janela, sentou-se à mesa e, com o ar semiconsciente de quem faz a mesma coisa todos os dias àquela hora, abriu um caderno intitulado “Aethelbert: uma tragédia em cinco atos”⁵⁴ e mergulhou no tinteiro uma velha e manchada pena de ganso.

Em breve ele havia enchido dez ou mais páginas com versos. Sem dúvida era fluente, porém abstrato. A crueldade, o crime e a miséria eram os personagens de seu drama; havia reis e rainhas de territórios impossíveis; tramas horrendas os embaralhavam; sentimentos nobres os invadiam; nenhuma das palavras usadas seria dita por ele, mas, considerando-se sua idade — não fizera ainda dezesseite — e o fato de que o século XVI ainda duraria alguns anos mais, tudo era bastante notável graças à fluidez e doçura da composição. Entretanto, finalmente fez uma pausa. Como todos os jovens poetas sempre fazem, estava descrevendo a natureza e, para combinar o tom preciso

de verde, ele olhou (e nisso mostrou mais audácia do que a maioria deles) para aquilo que tinha em mente, por acaso um arbusto de loureiro debaixo da janela. Depois disso, naturalmente, não conseguiu mais escrever. O verde na natureza é uma coisa, o verde na literatura é outra. A natureza e as letras parecem ter uma antipatia visceral; junte as duas, e se estraçalham mutuamente. O matiz de verde que Orlando viu naquele momento estragou sua rima e fraturou sua métrica. Além disso, a natureza tem seus próprios truques. Basta que a pessoa olhe pela janela para as abelhas em meio às flores, para um cachorro bocejando, para o sol se pondo; basta que pense “quantas vezes mais verei o sol se pôr” etc. etc. (o pensamento é tão banal que não vale a pena discorrer sobre ele), para deixar de lado a pena, pegar a capa, sair do cômodo com passos largos e tropeçar numa arca pintada. Porque Orlando era um pouco desastrado.

Tomou cuidado para não encontrar ninguém. Stubbs, o jardineiro,⁵⁵ vinha pela aleia em sua direção. Escondeu-se atrás de uma árvore até ele passar. Escapuliu por um pequeno portão no muro do jardim. Evitou todos os estúbulos, canis, carpintarias, lavanderias e locais onde se fabricavam cerveja e velas de sebo, se matavam bois, se forjavam ferraduras e se costuravam gibões — porque a casa era uma pequena cidade⁵⁶ reverberando ao som das atividades dos homens que exerciam seus diversos ofícios — e tomou a trilha ladeada de samambaias que subia a colina através do parque sem ser visto. Como há talvez um parentesco entre atributos, um deles se fazendo acompanhar de outro, o biógrafo precisa chamar a atenção aqui para o fato de que essa falta de jeito frequentemente está associada ao amor pela solidão. Tendo tropeçado na arca, Orlando naturalmente amava os lugares solitários, as vastas paisagens, o sentir-se sozinho para todo o sempre.

Por isso, após um longo silêncio, “Estou só”, enfim exalou, abrindo os lábios pela primeira vez neste relato.

Tinha andado muito rapidamente colina acima em meio às samambaias e espinheiros, espantando veados e pássaros selvagens, até um local coroado por um único carvalho.⁵⁷ Era muito alto, tão alto que de lá era possível avistar dezenove condados ingleses e, num dia claro, trinta ou quarenta se o tempo estivesse muito bom. Às vezes se podia ver o canal da Mancha, ondas que se sucediam sem fim. Era possível ver rios com barcos de passeio deslizando, assim como galeões rumando para o alto-mar e navios de guerra, de onde saíam pequenas nuvens de fumaça e subia o ribombar surdo dos canhões; e fortes na costa, e castelos em meio às campinas; aqui uma torre de vigia, ali uma fortaleza; e mais além alguma ampla mansão como a do pai de Orlando, aninhada como uma cidadezinha no vale e cercada de muralhas. A leste havia os pináculos de Londres e a fumaceira da cidade; e quem sabe, na linha do horizonte, quando o vento soprava do quadrante certo, surgiam entre as nuvens até mesmo os cumos escarpados e o contorno serrilhado das montanhas de Snowdon.⁵⁸ Por um momento Orlando lá ficou contando, contemplando, reconhecendo. Essa era a casa de seu pai; aquela, a de seu tio. Sua tia era dona dos três grandes torreões circundados por árvores acolá. A charneca lhes pertencia, assim como a floresta, os faisões e veados, as raposas, os texugos e as borboletas.

Ele suspirou fundo e se atirou — havia uma paixão em seus movimentos que justifica tal palavra — no chão, aos pés do carvalho. Na transitoriedade do verão, ele adorava sentir debaixo de seu corpo a coluna dorsal da terra, pois assim considerava a dura raiz do carvalho; ou, como uma imagem suscitava outra, eram as costas de um grande cavalo montado por ele, ou o convés de um navio balouçante — na verdade, qualquer coisa desde que sólida, pois sentia a necessidade de algo a que pudesse amarrar seu coração à deriva, o coração que batia forte em seu peito, o coração que parecia varrido por venta-

nias olorosas e românticas todas as noites, por volta dessa hora, quando saía para passear. Amarrou-o ao carvalho e, lá deitado, gradualmente as palpitações dentro dele e à sua volta se amainaram; as pequenas folhas deixaram de tremer, os veados se imobilizaram; as pálidas nuvens de verão pausaram; seus membros se tornaram pesados em contato com o chão; e ele ficou tão quieto que, aos poucos, os veados se aproximaram, as gralhas voltearam ao seu redor, as andorinhas deram mergulhos e voaram em círculos, as libélulas passaram velozes, como se toda aquela fertilidade e atividade amorosa de um fim de tarde de verão envolvessem seu corpo como uma teia.

Após mais ou menos uma hora — o sol se punha rapidamente, as nuvens brancas haviam se tornado vermelhas, as colinas eram cor de violeta, as florestas roxas, os vales negros — soou um clarim. Orlando se pôs de pé de um salto. O som estridente vinha do vale. De um ponto escuro lá embaixo, um local compacto e bem definido, um labirinto; uma cidadezinha, embora cercada de muros; veio do coração de sua própria mansão no vale, a qual, antes às escuras, mesmo enquanto ele a olhava e o clarim solitário se duplicava e reduplicava em outros sons agudos, ficou crivada de luzes. Algumas eram luzinhas pressurosas, como se criados corresse pelos corredores atendendo a muitos chamados; outras eram altas e reluzentes, como se iluminassem salões de banquetes vazios mas prontos a receber convivas que não tinham vindo; outras ainda mergulhavam e oscilavam, desapareciam e ressurgiam, como se levadas nas mãos por tropas de criados que se curvavam, ajoelhavam e levantavam para receber, proteger e escoltar para dentro da casa, com toda a dignidade, uma grande princesa que descia de sua carruagem. Coches faziam manobras no pátio. Cavalos meneavam nervosamente seus penachos. A rainha tinha chegado.

Orlando parou de olhar. Saiu desabalado colina abaixo. Entrou por uma portinhola. Galgou às pressas a esca-

da em espiral. Chegou a seu quarto. Jogou as meias para um lado, o gibão para outro. Molhou a cabeça. Lavou as mãos escrupulosamente. Aparou as unhas. Com apenas vinte centímetros de espelho e um par de velas usadas para ajudá-lo, vestiu os calções carmesins, a gola de renda, o colete de tafetá e sapatos com rosetas do tamanho de grandes dalias em menos de dez minutos contados pelo relógio da cavalaria. Estava pronto. Estava ruborizado. Estava excitado. Mas estava terrivelmente atrasado.

Pelos atalhos que conhecia muito bem, atravessou uma infinidade de cômodos e escadas para chegar ao salão de banquetes, a cinco acres de distância, no outro lado da mansão. No entanto, parou a meio caminho, nos fundos da casa, onde ficavam os criados. A porta da sala de estar da sra. Stewkley estava aberta — ela sem dúvida havia saído, levando todas as chaves, para servir à patroa. Mas, sentado à mesa dos serviçais, com uma caneca ao lado e um papel à sua frente, havia um homem bem gordo e mal-ajambrado, com uma gola de tufo bastante suja e roupas de lã grosseira tingida de marrom.⁵⁹ Segurava uma pena mas não escrevia. Parecia ocupado em fazer rolar um pensamento dentro da cabeça, para cima e para baixo, de um lado para o outro, até lhe dar uma forma ou impulso que lhe agradasse. Seus olhos, redondos e anuviados como uma pedra verde de textura incomum, estavam vidrados. Não viu Orlando. Malgrado toda a sua pressa, Orlando ficou paralisado. Seria um poeta? Estaria escrevendo poesia? “Conte-me”, ele queria perguntar, “tudo do mundo todo” — pois tinha as ideias mais estapafúrdias, absurdas e extravagantes sobre os poetas e a poesia —, mas como falar com um homem que não o vê? Que, em vez disso, vê ogros, sátiros, talvez o fundo do mar? Por isso, Orlando o observou enquanto o homem, girando a pena entre os dedos para cá e para lá, meditava com o olhar perdido. E então, muito rapidamente, escreveu meia dúzia de linhas e ergueu a vista. Ao que Orlan-

do, tomado pela timidez, saiu correndo e chegou ao salão de banquetes justo a tempo de se prostrar de joelhos e, curvando a cabeça, confuso, oferecer uma tigela de água de rosas à grande rainha.⁶⁰

Tamanha era sua timidez que só viu dela as mãos com os anéis dentro d'água, mas era o suficiente. Tratava-se de uma mão memorável, fina e com longos dedos sempre curvados como se empunhando um orbe ou um cetro; mão nervosa, ossuda e entortada, doentia; mas também poderosa, que bastava ser erguida para fazer tombar uma cabeça; a mão, ele imaginou, presa a um velho corpo que cheirava como um armário onde os casacos de pele fossem guardados com cânfora; e, no entanto, um corpo ataviado com todo tipo de brocados e pedras preciosas; que se mantinha muito ereto embora talvez padecendo de dores no ciático; que nunca se intimidava apesar de acometido de mil temores; e os olhos da rainha eram amarelo-claros. Ele sentiu tudo isso quando os grandes anéis faiscaram na água e então algo pressionou seus cabelos — o que, possivelmente, explica ele não ter visto nada mais passível de ser usado por algum historiador. E, na verdade, tantas coisas opostas se acumulavam em sua mente — a noite e as velas chamejantes, o poeta esmolambado e a grande rainha, os campos silenciosos e o barulho feito pelos criados — que não podia ver nada, ou somente aquela mão.

Em contrapartida, a própria rainha só poderia ter visto uma cabeça. Mas, se a partir da mão é possível deduzir um corpo, com todos os atributos de uma grande rainha, sua rabugice, coragem, fragilidade e terror, sem dúvida uma cabeça pode ser igualmente fértil quando vista do alto de um trono por uma senhora cujos olhos, se podemos confiar nas estátuas de cera da abadia, sempre estiveram bem abertos. Os cabelos longos e encaracolados, a cabeça escura curvada com tamanha reverência e inocência diante dela, insinuavam um par das mais belas pernas que já sustentaram um jovem nobre; e olhos cor de

violeta; e um coração de ouro; e lealdade e encanto viril — todas as qualidades que a velha senhora mais e mais amava à medida que as perdia. Pois ela estava envelhecendo, ficando gasta e torta antes do tempo. O som das canhonadas não saía de seus ouvidos. Via sempre a gota reluzente de veneno e o longo estilete. Sentada à mesa ela aguçava os ouvidos, escutava os canhões no canal da Mancha;⁶¹ ela temia — seria aquilo uma maldição, seria aquilo um sussurro? Inocência e simplicidade eram ainda mais importantes para ela contra o negro pano de fundo em que as projetava. E foi naquela mesma noite, assim diz a tradição, quando Orlando dormia a sono solto, que ela, apondo sua assinatura e sinete no pergaminho, formalizou a doação ao pai de Orlando da grande casa monástica⁶² que pertencera ao arcebispo e depois ao rei.

Orlando dormiu a noite toda sem nada saber. Fora beijado por uma rainha sem saber disso. E, talvez, como são intrincados os corações das mulheres, tenham sido sua ignorância e o sobressalto que teve quando os lábios dela o tocaram que mantiveram viva a recordação do jovem primo (pois tinham sangue em comum). Seja como for, não haviam transcorrido dois anos dessa tranquila vida no campo, e Orlando não escrevera provavelmente mais do que vinte tragédias, uma dúzia de romances e uns vinte sonetos, quando chegou uma mensagem dizendo que ele deveria se apresentar à rainha em Whitehall.

“Lá vem”, disse ela ao vê-lo avançar pela longa galeria em sua direção, “meu inocente!” (Ele irradiava uma serenidade que sempre dava a impressão de inocência, mesmo quando, tecnicamente, a palavra não era mais aplicável.)

“Venha!”, disse. Estava sentada junto à lareira com as costas bem empertigadas. Mandando que parasse a trinta centímetros de distância, examinou-o de alto a baixo. Estaria cotejando suas especulações da noite em que o vira com a realidade agora visível? Suas suposições tinham sido comprovadas? Olhos, boca, nariz, peito, quadris,

mãos — repassou um por um; seus lábios se contraíram ostensivamente ao fazê-lo, mas, quando viu as pernas, riu alto. Ele era a própria imagem do cavalheiro nobre. Mas, e por dentro? Cravou os olhos amarelos de águia sobre ele como se fosse lhe perfurar a alma. O jovem sustentou o olhar, seu rosto adquirindo apenas um tom rosa adamacado que lhe caía muito bem. Força, graça, romantismo, loucura, poesia, juventude — ela o leu como a uma página. Imediatamente tirou um anel do dedo (a junta estava bem inchada) e, ao enfiá-lo no dele, o nomeou seu tesoureiro e senescal; em seguida, pendurou em seu pescoço os colares correspondentes a essas funções; e, ordenando que dobrasse o joelho, prendeu em volta da parte mais fina a Ordem da Jarreteira, adornada com pedras preciosas. Depois disso, nada lhe foi negado. Quando ela participava de alguma parada, ele seguia à porta da carruagem. Mandou-o à Escócia numa triste missão junto à rainha infeliz. Estava prestes a embarcar para as guerras polonesas quando ela o chamou de volta. Pois como poderia ao menos pensar que aquela tenra carne seria dilacerada, que aquela cabeça de cabelos encaracolados rolaria por terra? Manteve-o junto a si. No auge de seu triunfo, quando os canhões estrondeavam na Torre,⁶³ o ar estava tão carregado de pólvora que provocava espirros, e as aclamações do povo ressoavam debaixo das janelas, ela o puxou para as almofadas onde as damas de companhia a haviam deitado (estava tão velha e acabada) e o obrigou a enfiar a cara naquela surpreendente indumentária — não trocava de roupa havia um mês — que, ele pensou recordando os tempos de menino, cheirava exatamente como o velho armário em sua casa onde se guardavam as peles da mãe. Ele se pôs de pé, quase sufocado pelo abraço. “Esta”, ela suspirou, “é a minha vitória!” — no momento mesmo em que um foguete estourou e coloriu seu rosto de vermelho.

Pois a velha senhora o amava. E a rainha, capaz de conhecer um homem de verdade quando o via (embora,

segundo se dizia, não na forma usual), planejou para ele uma carreira esplêndida e ambiciosa. Ela lhe daria terras e casas. Ele seria um filho na sua velhice, um esteio na sua enfermidade, o carvalho em que se apoiaria na sua decadência. Em voz rouca, sentada com as costas bem retas e vestindo seus rígidos brocados, ela fez tais promessas com uma ternura estranhamente autoritária (encontravam-se agora em Richmond)⁶⁴ junto à lareira, que, por mais longa que nela se pusesse, nunca chegava a aquecê-la.

Enquanto isso, os meses de inverno se alongavam. Todas as árvores no parque estavam polvilhadas pela geada. O rio fluía preguiçosamente. Certo dia, quando a neve cobria o chão e os escuros aposentos revestidos de lambris se enchiam de sombras, e os veados bramiam no parque, ela viu através da porta, no espelho que sempre trazia consigo pelo temor de ser espionada, um rapaz — poderia ser Orlando? — beijando uma moça — quem, com mil demônios, era aquela rapariga sem-vergonha? Arrebatando sua espada com punho de ouro, golpeou violentamente o espelho. O vidro se partiu; muitas pessoas acorreram; ela foi erguida e reposta na cadeira; mas não se recuperou depois disso e, com seus dias chegando ao fim, nunca mais deixou de se queixar amargamente da infidelidade dos homens.

Talvez tenha sido culpa de Orlando; mas, afinal, devemos culpá-lo? Estávamos no período elisabetano; suas normas morais não são as nossas; nem seus poetas; nem seu clima; nem mesmo suas verduras. Tudo era diferente. Até o clima, o calor e o frio do verão e do inverno eram, pode-se crer, de natureza totalmente diversa. Os dias claros e amorosos eram tão precisamente distintos das noites quanto a terra da água. O pôr do sol era sempre mais vermelho e mais intenso; a alvorada, mais branca e mais radiosa. Eles nada sabiam de nossas meias-luzes crepusculares e dilatadas penumbras. A chuva caía com veemência ou não caía. O sol resplandecia ou reinava a escuridão.

Transportando isso para as regiões espirituais, como é de hábito entre eles, os poetas cantavam lindamente como as rosas murcham e as pétalas tombam. O momento é breve, proclamavam, o momento termina; todos então dormirão uma longa noite. Usar os artifícios da estufa ou do viveiro para prolongar ou preservar aqueles frescos cravos e rosas, isso não era com eles. Desconheciam as complexidades e ambiguidades ressequidas de nossa era mais gradual e duvidosa. A violência era tudo. A flor vicejava e fenecia. O sol se levantava e se punha. O amante amava e partia. E aquilo que os poetas diziam em rimas os jovens traduziam na prática. As moças eram rosas, e suas estações tão breves quanto as das flores. Cumpria colhê-las antes do anoitecer, pois o dia era curto e o dia era tudo. Assim, se Orlando foi guiado pelo clima, pelos poetas, pela própria época, e colheu sua flor no vão da janela mesmo com a neve no chão e a rainha vigilante no corredor, dificilmente podemos concordar em culpá-lo. Ele era jovem, pouco mais que um menino; fez o que a natureza lhe ordenou. Quanto à moça, assim como a própria rainha Elizabeth, desconhecemos seu nome. Podia ser Doris, Chloris, Delia ou Diana,⁶⁵ uma vez que ele fez versos para cada uma delas; podia igualmente ser uma dama da corte ou alguma camareira. Porque o gosto de Orlando era amplo; ele não amava apenas as flores de jardim; sempre sentiu fascínio pelas plantas silvestres e pelas ervas daninhas.

Aqui, na verdade, revelamos sem reboços, como um biógrafo pode fazer, um traço curioso nele, justificado talvez pelo fato de uma de suas avós ter usado avental e carregado vasilhames de leite. Alguns grãos do solo de Kent ou de Sussex tinham se misturado ao fino e delicado fluido que lhe viera da Normandia. Ele afirmava ser positiva essa mistura de terra parda e sangue azul. O certo é que sempre teve um fraco pelos plebeus, em particular pelos que sabiam ler e escrever, cuja inteligência tão frequentemente os mantém em posição inferior, como

se com eles tivesse alguma afinidade ditada pelo sangue. Naquela altura da vida, quando sua mente fervilhava de rimas e ele nunca ia dormir sem antes ter algum lampejo verbal, a face da filha de um estalajadeiro parecia mais fresca, e as tiradas da sobrinha de um guarda florestal, mais brilhantes que as das damas da corte. Por isso, começou a frequentar à noite as Wapping Old Stairs⁶⁶ e as cervejarias, envolto numa capa cinza para ocultar a estrela pendurada no pescoço e a liga no joelho. Lá, com uma caneca à sua frente, em meio às ruelas com piso de areia, aos gramados onde se jogava boliche e a toda a arquitetura simples daqueles lugares, ele ouvia as histórias contadas pelos marinheiros sobre as privações, o horror e a crueldade nas costas do Caribe, como muitos haviam perdido os dedos do pé, outros o nariz — pois a história oral nunca foi tão completa ou finamente embelezada quanto a escrita. Ele gostava em particular de ouvi-los cantar a plenos pulmões as canções dos Açores, enquanto os papagaios trazidos daquelas regiões picavam os brinços em suas orelhas e, com seus bicos duros e insaciáveis, batiam de leve nos rubis em seus dedos, dizendo tantos palavões quanto seus donos. As mulheres eram quase tão desabusadas em seu linguajar e livres em seus modos quanto os pássaros. Encarapitavam-se nos seus joelhos, passavam os braços em volta de seu pescoço e, adivinhando que algo especial se escondia sob a capa de lã grossa, tinham tanta ânsia de chegar à verdade dos fatos quanto o próprio Orlando.

E nem faltavam oportunidades. Era intenso o movimento no rio, a qualquer hora, de barcas, botes a remo e embarcações de todo tipo. Não passava um dia sem que algum imponente navio zarpassse rumo às Índias; vez por outra um barco enegrecido e avariado, tripulado por homens cabeludos, chegava penosamente para lançar âncora. Ninguém sentia falta de um rapaz ou de uma moça que se demorassem um pouco a bordo depois de o sol

se pôr, ou erguia a sobrelha se corresse o rumor de que eles tinham sido vistos dormindo profundamente, abraçados, entre os sacos que continham tesouros. Pois foi isso, na verdade, o que se passou com Orlando, Sukey e o conde de Cumberland.⁶⁷ O dia estava quente; haviam feito amor intensamente; adormeceram em meio aos rubis. Tarde da noite, o conde, cuja fortuna estava muito ligada aos negócios espanhóis, veio conferir o butim sozinho com uma lanterna. Iluminou um barril. Recuou assustado, proferindo uma praga. Enroscados junto ao tonel, dois espíritos dormiam. Supersticioso por natureza, e com muitos crimes lhe pesando na consciência, o conde tomou o casal — estavam embrulhados num manto vermelho e os seios de Sukey eram quase tão brancos quanto as neves eternas na poesia de Orlando — por um fantasma que tivesse escapado dos túmulos de marujos afogados para reprová-lo. Fez o sinal da cruz. Jurou arrependimento. O conjunto de asilos de pobres que ainda se vê na Sheen Road é o fruto palpável daquele momento de pânico. Doze velhas da paróquia hoje bebem chá e à noite darão graças a Deus por terem um teto sobre suas cabeças. Assim, aquele amor ilícito num navio carregado de tesouros... mas a lição moral é dispensável.

Cedo, contudo, Orlando se cansou, não apenas do desconforto desse estilo de vida e das ruas labirínticas da vizinhança, mas dos modos primitivos daquela gente. Porque, cumpre lembrar, o crime e a pobreza não tinham para os elisabetanos nem um pouco da atração que têm para nós. Eles não compartilhavam minimamente de nossa vergonha moderna pela cultura livresca; de nossa crença de que ser filho de um açougueiro é uma bênção e não saber ler, uma virtude; não tinham a ilusão de que aquilo que chamamos de “vida” e “realidade” está de alguma forma associado à ignorância e à brutalidade; nem, na verdade, possuíam qualquer equivalente para essas duas palavras. Não foi em busca da “vida” que Orlando conviveu com

eles; não à procura da “realidade” que os deixou. Mas, após ouvir vinte vezes como Jakes perdeu o nariz e Sukey, a honra — e ambos contavam essas histórias admiravelmente, é forçoso admitir —, ele começou a se entediar com a repetição, pois um nariz só pode ser cortado de uma maneira e a virgindade, perdida de outra — ou assim lhe parecia —, enquanto a grande diversidade das artes e das ciências excitava profundamente sua curiosidade. Por isso, sempre se recordando deles com prazer, parou de frequentar as cervejarias e os jogos de boliche, pendurou a capa cinza no armário, deixou a estrela brilhar no pescoço e a jarreteira luzir no joelho, voltando a aparecer na corte do rei Jaime. Era jovem, era rico, era bonito. Ninguém poderia ter sido recebido de forma mais calorosa.

É certo que muitas damas estavam prontas a lhe conceder seus favores. Os nomes de pelo menos três foram livremente vinculados ao seu na condição de noivas — Clorinda, Favilla e Euphrosyne⁶⁸ —, assim as tendo chamado em seus sonetos.

Tomando-as pela ordem: Clorinda era uma senhorita de modos muito doces e gentis — de fato, Orlando ficou caído por ela durante seis meses e meio; mas tinha pestanas brancas e não suportava ver sangue. Uma lebre assada, servida à mesa de seu pai, a fazia desmaiar. Também era muito influenciada pelos padres, economizando nas roupas de baixo para dar aos pobres. Decidiu reformar Orlando para livrá-lo de seus pecados, o que o aborreceu tanto que desistiu de se casar com ela, não lamentando demais quando morreu pouco depois, de varíola.

Favilla, que vem a seguir, tinha um temperamento totalmente diferente. Filha de um cavalheiro pobre de Somersetshire, graças apenas à sua tenacidade e à beleza de seus olhos, havia conseguido subir na corte, onde a destreza na equitação, o elegante arco de seus pés e a graça ao dançar tinham conquistado a admiração de todos. Certa feita, no entanto, ela cometeu a imprudência

de chicotear um *spaniel* que rasgara uma de suas meias de seda (e, para ser justo com Favilla, é preciso lembrar que ela tinha poucas meias, a maioria de lã), quase o matando debaixo da janela de Orlando. Apaixonado que era por animais, ele então notou que os dentes de Favilla eram tortos, os dois da frente virados para dentro, o que, segundo disse, era sinal inconfundível de um caráter perverso e cruel numa mulher, razão pela qual naquela noite mesmo rompeu para sempre o noivado.

A terceira, Euphrosyne, foi de longe a mais séria de suas paixões. Pertencia à família dos Desmond irlandeses e, por isso, possuía uma árvore genealógica tão antiga e com raízes tão profundas quanto a do próprio Orlando. Era loura, de pele rosada e um pouquinho lerda. Falava italiano bem, tinha os dentes superiores perfeitos, embora os da arcada inferior fossem algo desbotados. Jamais era vista sem um *whippet* ou um *spaniel* a seu lado, que alimentava com pão branco de seu próprio prato; cantava docemente acompanhando os virginais; e nunca estava completamente arrumada antes do meio-dia, devido ao extremo cuidado que dedicava à sua pessoa. Em suma, teria sido uma esposa perfeita para um nobre como Orlando, e os preparativos tinham chegado a tal ponto que os advogados de ambas as partes se ocupavam dos acordos, contratos de doação e usufruto, avenças, cessão de moradias, enfiteuses e tudo o mais que se faz necessário antes que uma grande fortuna possa se unir a outra, quando, com a brusquidão e o rigor que então caracterizavam o clima inglês, ocorreu a Grande Gead.

A Grande Gead,⁶⁹ dizem os historiadores, foi a mais rigorosa que visitou estas ilhas. Pássaros se enregelavam em pleno voo e caíam por terra como pedras. Em Norwich, uma jovem camponesa que gozava de excelente saúde começou a atravessar a estrada e foi vista se transformando em pó, sendo soprada por cima dos telhados quando uma lufada glacial a atingiu na esquina. A mortandade entre

as ovelhas e o gado foi enorme. Muitos cadáveres enregelados não puderam ser arrancados dos lençóis. Não era incomum ver uma vara de porcos congelados bloqueando a estrada. Os campos estavam coalhados de pastores, lavradores, parelhas de cavalos e meninos que espantavam pássaros imobilizados em determinado momento, um com a mão no nariz, outro com uma garrafa na boca, um terceiro segurando a pedra que seria jogada nos corvos que, como se empalhados, haviam pousado sobre a cerca a um metro dele. Foi tamanho o rigor da geada que às vezes ocorria uma espécie de petrificação; era voz corrente que o grande aumento de pedras em certas partes de Derbyshire não se devia a alguma erupção, pois nenhuma foi registrada, e sim à solidificação de viajantes infelizes literalmente transformados em pedras no local onde se encontravam. A Igreja pouco podia ajudar e, embora alguns proprietários de terra tivessem providenciado para que aqueles restos mortais fossem benzidos, a maioria preferiu usá-los como marcos de estrada, postes onde as ovelhas podiam se coçar ou, quando a forma das pedras permitia, como cochos para o gado, fins a que ainda servem, em geral de modo admirável, até os dias de hoje.

No entanto, enquanto os moradores do campo sofriam as maiores vicissitudes e o comércio do país estava paralisado, Londres vivia um período de grande brilho. Com a corte em Greenwich, o novo rei aproveitou a oportunidade de sua coroação para ganhar as boas graças dos cidadãos. Ordenou que o rio, congelado até uma profundidade de quase sete metros e por mais de dez a doze quilômetros em cada margem, fosse varrido e enfeitado para tomar o aspecto de um parque de diversões, com pavilhões, labirintos, aleias, barracas de bebidas etc. — tudo isso por sua conta. Para si próprio e os cortesãos, reservou um espaço em frente aos portões do palácio, que, separado do público apenas por uma corda de seda, logo se tornou o centro da mais fulgurante sociedade da

Inglaterra. Grandes homens de Estado, com suas barbas e golas plissadas, despachavam assuntos oficiais debaixo do toldo carmesim do Pavilhão Real. Soldados planejavam a conquista dos mouros e a derrubada dos turcos em caramanchões com cobertas listradas e cercados por penas de avestruzes. Almirantes, carregando lunetas com que varriam o horizonte, caminhavam de um lado para o outro nas estreitas aleias contando histórias sobre a passagem do noroeste e a Armada espanhola.⁷⁰ Amantes flertavam em divãs recobertos de peles de zibelina. Rosas congeladas eram atiradas sobre as cabeças da rainha e de suas damas de companhia quando saíam a passeio. Balões coloridos se mantinham imóveis no ar. Aqui e ali ardiam vastas fogueiras de lenhos de cedro e de carvalho, com generosas doses de sal a fim de que as chamas fossem verdes, cor de laranja e roxas. Mas, por mais intenso o fogo, o calor não era suficiente para derreter o gelo que, embora de singular transparência, tinha a dureza do aço. Na verdade, tão límpido era ele que se podia ver, congelados a certa profundidade, aqui um golfinho, acolá um linguado. Cardumes de enguias jaziam imóveis, mas os filósofos eram incapazes de dizer se estavam mortas ou meramente num estado de animação suspensa, podendo reviver com o calor. Perto da ponte de Londres,⁷¹ onde o rio congelara até uma profundidade de vinte braças, um bote avariado era claramente visível no leito do rio após haver afundado no outono anterior, sobrecarregado de maçãs. A velha dona do bote, que levava frutas para o mercado na margem de Surrey, lá estava sentada com sua manta de lã axadrezada e suas anquinhas, o colo cheio de maçãs, como se, para todos os efeitos, estivesse prestes a servir um freguês, conquanto os lábios azulados insinuassem a verdade. Era uma cena que o rei Jaime se comprazia especialmente em ver, trazendo um punhado de cortesãos para contemplá-la junto com ele. Em suma, nada podia exceder o brilho e a alegria do espetáculo durante

o dia. Mas era à noite que os folguedos se tornavam mais divertidos. Pois, como persistia a geada, as noites eram absolutamente calmas; a lua e as estrelas brilhavam com a dura fixidez de diamantes, e os cortesãos dançavam ao som da linda música das flautas e trombetas.

Orlando, verdade seja dita, não se contava entre os que dançavam com mais leveza a corrente e a volta,⁷² sendo algo canhestro e desatento. Sem dúvida preferia as danças simples de sua própria região, que praticara quando criança, a esses fantásticos compassos estrangeiros. Ao final de alguma quadrilha ou minueto, tinha acabado de juntar os pés por volta das seis horas da tarde do dia 7 de janeiro quando viu, saindo do pavilhão da embaixada moscovita, uma figura de rapaz ou de mulher (pois a túnica e as calças largas à moda russa servem para disfarçar o sexo) que lhe causou imensa curiosidade. A pessoa, qualquer que fosse seu nome ou sexo, tinha estatura mediana e um corpo muito esbelto, e estava inteiramente vestida de veludo cor de ostra com guarnições de uma pele esverdeada que ele desconhecia. Mas tais detalhes eram obscurecidos pela extraordinária sedução que ela irradiava por inteiro. As mais extremadas e extravagantes imagens e metáforas se entrelaçaram e deram voltas em sua mente. Ele a comparou a um melão, um abacaxi, uma oliveira, uma esmeralda e uma raposa em meio à neve, tudo no espaço de três segundos; não sabia se a havia escutado, provado, visto ou tudo junto. (Pois, embora não devamos interromper nem por um momento a narrativa, cumpre aqui observar rapidamente que todas as suas imagens naquela época eram simples ao extremo a fim de se equipararem a seus sentidos, sendo extraídas em geral das coisas cujo gosto o encantara quando criança. Mas, se eram simples seus sentidos, eram ao mesmo tempo muitíssimo fortes. No entanto, está fora de questão fazer uma pausa a fim de procurar a razão das coisas.) Um melão, uma esmeralda, uma raposa em meio à neve — assim ele delirava,

assim a olhava fixamente. Quando o rapaz, ah, porque tinha de ser um rapaz — nenhuma mulher seria capaz de patinar com tal velocidade e vigor —, passou voando por ele quase na ponta dos pés, Orlando estava pronto a arrancar os cabelos de irritação por ser alguém do seu sexo, tornando impensáveis quaisquer afagos. Mas o patinador chegou mais perto. Pernas, mãos, porte eram típicos de um rapaz, porém nenhum rapaz tinha uma boca como aquela; nenhum rapaz tinha aqueles seios; nenhum rapaz tinha olhos que pareciam pescados das profundezas do mar. Por fim, parando e fazendo com toda a graça uma ampla reverência para o rei, que passava de braços dados com algum camareiro, a patinadora desconhecida se imobilizou. Encontrava-se a um palmo de distância. Era uma mulher. Orlando a fitou fixamente; estremeceu; sentiu calor; sentiu frio; teve vontade de dar cambalhotas no ar de verão; esmagar sob os pés bolotas de carvalho; balançar os braços em harmonia com as faias e os carvalhos. Na realidade, repuxou os lábios por sobre os dentes brancos e pequenos; abriu-os talvez um centímetro e meio como se fosse morder; fechou-os como se houvesse mordido. A srta. Euphrosyne estava pendurada a seu braço.

A estranha, ficou sabendo, era a princesa Marousha Stanilovska Dagmar Natacha Iliana Romanovitch,⁷³ e viera assistir à coroação na comitiva do embaixador moscovita, que talvez fosse seu tio ou seu pai. Muito pouco se sabia sobre os moscovitas. Com suas longas barbas e chapéus de pele, ficavam sentados praticamente em silêncio, tomando uma bebida escura que vez por outra cuspiam no gelo. Nenhum deles falava inglês, e o francês, com que alguns tinham ao menos certa familiaridade, nessa época era pouco falado na corte inglesa.

Foi por causa disso que Orlando e a princesa se conheceram. Estavam sentados frente a frente na grande mesa posta sob um imenso toldo para servir às pessoas ilustres. Ladeavam a princesa dois jovens cavalheiros, lorde Fran-

cis Vere e o conde de Moray. Foi engraçado ver a situação difícil em que ela os colocou porque, embora fossem a seu modo excelentes rapazes, qualquer criança antes de nascer sabia tanto francês quanto eles. No começo do jantar, ambos se mostraram extremamente embaraçados quando a princesa se voltou para o conde e, com um encanto que arrebatou o coração de Orlando, disse: *“Je crois avoir fait la connaissance d’un gentilhomme qui vous était appa- renté en Pologne l’été dernier”*, ou *“La beauté des dames de la cour d’Angleterre me met dans le ravissement. On ne peut voir une dame plus gracieuse que votre reine, ni une coiffure plus belle que la sienne”*.⁷⁴ Lorde Francis lhe serviu uma enorme porção de molho de raiz-forte, enquanto o conde assobiou para seu cachorro e o fez implorar por um osso com tutano. Diante disso, a princesa não pôde mais conter o riso, e Orlando, capturando seu olhar em meio às cabeças de javali e aos pavões recheados, riu também. Ele riu, mas a admiração fez com que o riso se congelasse em seus lábios. Até então, quem ele havia amado, o que ele havia amado?, Orlando se perguntou num tumulto de emoção. Uma velha que era só pele e ossos, respondeu. Prostitutas de bochechas vermelhas, numerosas demais para serem mencionadas. Uma freira choramingas. A aventureira calculista e com uma boca cruel. Uma sonolenta massa de rendas e normas de etiqueta. O amor nada representara para ele além de serra-gem e cinzas. Os prazeres que lhe proporcionara eram insípidos ao extremo. Admirava-se de ter sido capaz de ter feito aquilo sem bocejar. Porque, enquanto a olhava, seu espesso sangue se diluiu; o gelo se transformou em vinho nas suas veias; ouviu as águas correndo e os pássaros cantando; a primavera desfez a lúgubre paisagem de inverno; sua virilidade despertou; empunhou uma espada e atacou um inimigo mais ousado que qualquer polonês ou mouro; mergulhou em águas profundas; viu a flor do perigo crescendo numa fenda; estendeu a mão — na verdade, estava

compondo velozmente um de seus mais apaixonados sonetos, quando a princesa se dirigiu a ele: “O senhor teria a bondade de me passar o sal?”.

Ele corou violentamente.

“Com o maior prazer do mundo, madame”, respondeu, falando francês com uma pronúncia perfeita. Porque, graças aos céus, falava a língua tão bem quanto a dele: a aia de sua mãe lhe havia ensinado. Entretanto, talvez tivesse sido melhor nunca ter aprendido aquele idioma; nunca ter respondido àquela voz; nunca ter seguido a luz daqueles olhos...

A princesa continuou. Quem eram aqueles dois camponês, perguntou, sentados ao seu lado e com modos de cavaleiros? O que era aquela mistura nauseabunda que haviam derramado em seu prato? Cachorros e homens comiam na mesma mesa na Inglaterra? Aquela figura ridícula na cabeceira, com o cabelo igual a um mastro em dia de festa (*comme une grande perche mal fagotée*), era mesmo a rainha? E o rei sempre babava daquele jeito? E quem, entre esses papagaios, era George Villiers?⁷⁵ Embora de início tais perguntas tivessem incomodado muito a Orlando, foram feitas com tal impertinência e brejeirice que ele não pôde deixar de rir; e, como viu pelas caras inexpressivas dos presentes que ninguém tinha entendido uma só palavra, respondeu com igual liberdade falando, como ela, um francês imaculado.

Assim começou uma intimidade entre os dois que em breve foi motivo de escândalo na corte.

Cedo ficou patente que Orlando dava muito mais atenção à moscovita do que o exigido pela mera cortesia. Raramente se afastava dela, e suas conversas, conquanto ininteligíveis para os demais, eram conduzidas com tamanha animação, provocavam tantos rubores e risos que até os mais néscios eram capazes de adivinhar o assunto. Além disso, a mudança ocorrida no próprio Orlando era extraordinária. Ninguém nunca o vira tão bem-disposto.